

O Povoado de Olelas (Sintra)

Breve Notícia Sobre Materiais e Datações

JOÃO LUDGERO MARQUES GONÇALVES*

Abstract

This paper is concerned with the results from archaeological excavations in the bastion 3 of the Chalcolithic fortification of Olelas (Sintra). The site had been occupied since the Neolithic; directly into the lapiaz there were neolithic incised and impressed pottery. In the Late Neolithic (level 4), the ceramic assemblage is characterized by abundant plain ware and carinated bowls. Level 4 has been dated by a radiocarbon determination: 473060BP (ICEN-878).

In the Early Chalcolithic phase, represented by the level 3, with canneled ware *-copos canelados-*, the defensive structures were built (the wall and the bastions 1, 2 and 3); level 3 is dated by two ¹⁴C determinations: 440045BP (ICEN-879); 4330120BP (ICEN-880).

Introdução e estruturas

Nos anos cinquenta, Eduardo da Cunha Serrão e Eduardo Prescott Vicente (Serrão & Vicente, 1958) escavaram dois monumentos circulares existentes no planalto de Olelas e interpretaram essas estruturas como monumentos sepulcrais.

Em 1988, o autor escavou a zona entre essas duas estruturas circulares, pondo-se a descoberto uma muralha entre elas bem como um corredor que a atravessa. Em 1992, nova escavação na parte Este daquele conjunto descobriu outra muralha e um bastião a ela adossado. Na verdade, este conjunto é uma cidadela fortificada na qual as torres tinham não só funções de defesa mas teriam servido também de habitações.

Os monumentos escavados por Serrão e Vicente tinham sido denominados 1 e 2. Por sequência, o bastião escavado em 1992 foi denominado torre 3. Esta é semicircular e tem, no seu interior, cerca de 3 metros de comprimento, no sentido Este-Oeste, por 2 metros de largura, no sentido Norte-Sul. Encosta à muralha que vem da torre 1 e encontra-se parcialmente desmoronada na zona a sudeste. É esta estrutura que agora nos interessa analisar pois no seu interior se obteve uma estratigrafia e respectivas datações. Os recentes trabalhos foram apoiados pela Câmara Municipal de Sintra.

Estratigrafia e datações

A estratigrafia obtida no interior da torre 3 era constituída pelas seguintes camadas (passando as camadas 1 e 2, de superfície):

Camada 3, com furadores em sílex e osso, um percutor em pedra polida, percutores esféricos e discoidais, fragmentos de pesos de tear rectangulares e furados nos cantos, copos canelados, em cerâmica, e uma pequena peça corniforme, também em cerâmica.

Camada 3 / Fundo, fina camada artificial definida como separação entre a camada 3 e a camada 4, com furadores em sílex e osso, copos canelados, dois fragmentos de vasos com bordo denteado, parte da base de um "ídolo de cornos", e cerâmica lisa pouco significativa.

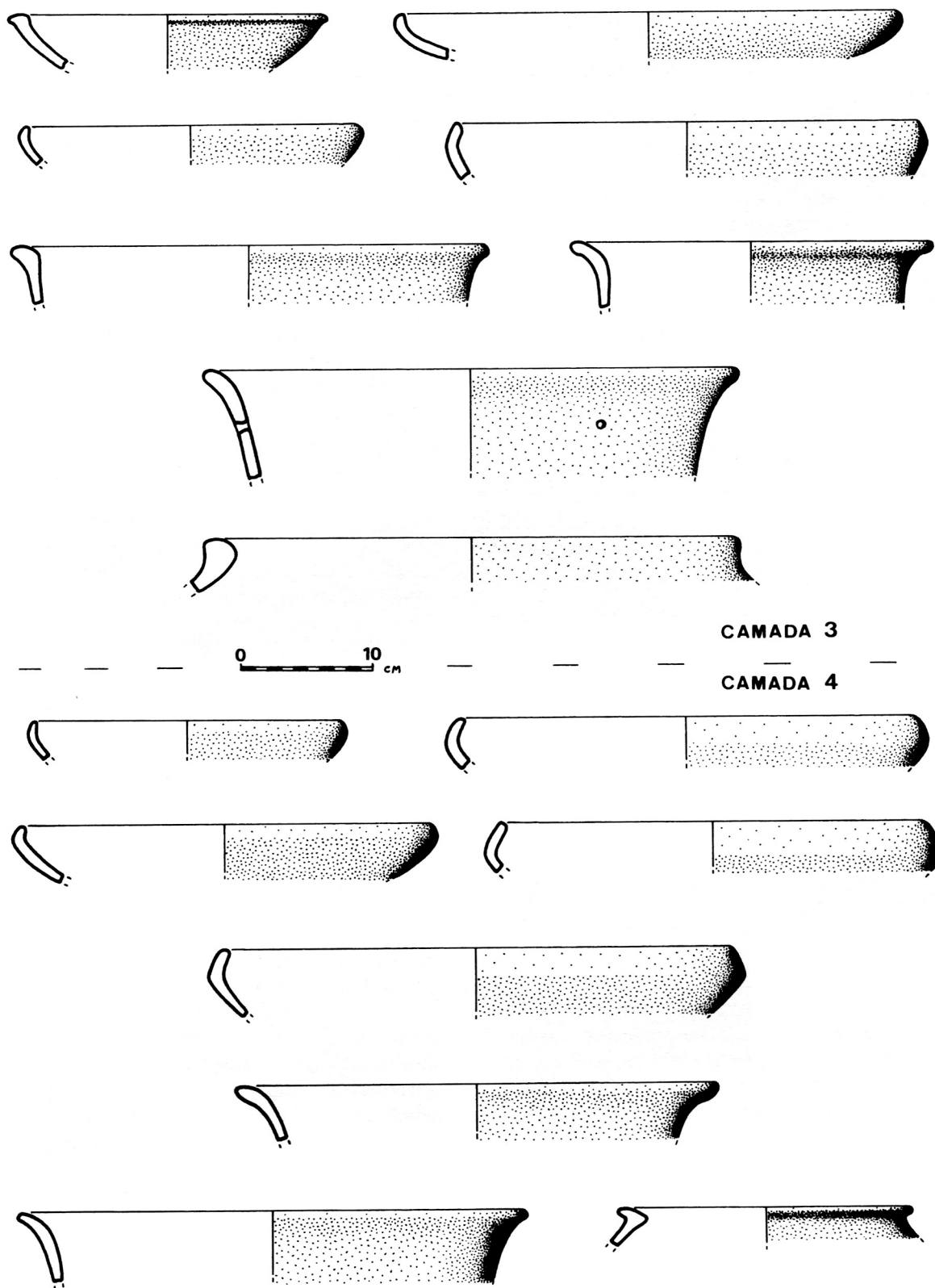
Camada 4, por debaixo da torre e sobre a rocha inclinada e muito irregular, com furadores em sílex e osso, cerâmica impressa, incisa, com cordões plásticos e grande quantidade de cerâmica lisa, sobressaindo os vasos com bordo em aba, taças carenadas e taças com o bordo revirado para o interior. Não se encontraram vasos com o bordo denteado.

Note-se que não foi encontrada nenhuma ponta de seta em sílex nem instrumento em metal em qualquer das camadas.

Foram obtidas três datações C14 para as camadas do interior da torre 3:

— Camada 3 — ICEN-879 — ossos — $4\ 400 \pm 45$ BP. Com calibrações a 1 sigma de 3.090 - 2 920 cal AC; e a 2 sigma de 3 294 - 2 910 cal AC.

* Arqueólogo da Assembleia Distrital de Lisboa.



Olelas, Torre 3 — Algumas cerâmicas lisas das camadas 3 e 4.

— Camada 3 — ICEN-880 — conchas — $4\ 330 \pm 120$ BP (já descontado o efeito de reservatório). Com calibrações a 1 sigma de 3 092 - 2 784 cal AC; e a 2 sigma de 3 347 - 2 610 cal AC.

— Camada 4 — ICEN-878 — ossos — $4\ 730 \pm 60$ BP. Com calibrações a 1 sigma de 3 629 - 3 376 cal AC; e a 2 sigma de 3 645 - 3 359 cal AC.

As calibrações fizeram uso da curva de STUIVER & PEARSON, 1993 (“Radiocarbon”, 35, 1-23).

Materiais e integração cronológica e cultural

Pelos contextos obtidos nas camadas e pelas datações podemos situar a camada 4 no Neolítico e a camada 3 no Calcolítico inicial.

A camada 4, por debaixo da torre, tem cerâmicas impressas e incisadas e outras cerâmicas lisas. A datação obtida, $4\ 730 \pm 60$ anos BP, não corresponde a estas cerâmicas impressas e incisadas mas deverá corresponder a uma ocupação do Neolítico com cerâmicas lisas, vasos de bordo em aba, taças carenadas e taças com o bordo revirado para o interior, que se encontram em quantidade na camada 4, em contraste com as poucas cerâmicas decoradas. As cerâmicas impressas e incisadas devem corresponder a vestígios da primeira e mais antiga ocupação neolítica do planalto de Olelas (algumas foram recolhidas nos interstícios da rocha de base) no entanto, não se põe de parte a hipótese de alguma cerâmica decorada poder pertencer à ocupação neolítica seguinte. Neste caso concreto a dificuldade está em saber qual a cerâmica decorada que ainda perdura num horizonte já com vasos de bordo em aba e taças carenadas. Registe-se o facto de não haver nesta camada vasos com o bordo denteado. Esta datação, de $4\ 730$ anos BP, é avançada para as cerâmicas impressas mas é recuada para as datações normalmente obtidas para níveis com bordo denteado, que se situam em cerca de $4\ 500$ anos BP (CARDOSO, 1994), pelo que, não havendo bordo denteado na camada 4, a datação obtida parece correcta indicando um momento anterior aos bordos denteados.

Note-se que também a câmara ocidental do monumento da Praia das Maçãs, na mesma área geográfica de Olelas, tem taças carenadas, junto com ídolos-placa em xisto, e não existem cerâmicas decoradas nem bordos denteados (LEISNER, ZBYSZEWSKI, FERREIRA, 1969). Talvez não seja arriscado sustentar que a camada 4 de Olelas (excluídas as cerâmicas impressas e incisadas, que serão mais antigas) deve ser sincrónica com a câmara ocidental da Praia das Maçãs.

A camada 3 / Fundo, de separação entre as camadas 3 e 4, contém materiais das duas camadas. Os dois

fragmentos de bordo denteado devem pertencer ao topo da camada neolítica por debaixo da torre. Neste caso, apenas dois fragmentos de vasos de bordo denteado parecem indicar, pelo menos neste local, uma ocupação vestigial deste horizonte que representará mesmo o final do Neolítico. Também no monumento da Praia das Maçãs a cerâmica com bordos denteados apareceu no tumulus do *tholos*, nada tendo a ver com a câmara ocidental (GONÇALVES, 1982-83).

Sobre este final do Neolítico se constrói a torre que é ocupada com cerâmicas caneladas, na quase totalidade por copos, e com um “ídolo de cornos” (que apesar de ter sido recolhido na camada 3 / Fundo deve pertencer à camada 3, de ocupação da torre). As datações obtidas, $4\ 330$ e $4\ 400$ anos BP, situam esta ocupação no Calcolítico inicial e estão em sintonia com a datação já obtida para o Alto do Dafundo (GONÇALVES, 1991). Como no interior das torres 1 e 2 também há cerâmicas caneladas podemos concluir que toda esta fortificação foi construída nesta época.

O que não existe na torre 3 são cerâmicas do tipo “folha de acácia”, que existem na torre 1. Isto significará que a torre 3 terminou a sua vida útil (talvez devido ao seu desmoronamento parcial) ainda no Calcolítico inicial e que não teve tempo de chegar ao Calcolítico médio.

Bibliografia

CARDOSO, J.L., 1994, Leceia 1983-1993. Resultados das escavações do povoado pré-histórico. *Estudos Arqueológicos de Oeiras*, nº especial, C. Municipal de Oeiras.

GONÇALVES, J. L. M., 1982-1983, Monumento pré-histórico da Praia das Maçãs (Sintra). Notícia preliminar, *Sintria*, I-II (1), Sintra, p. 29-57.

GONÇALVES, J. L. M., 1991, O povoado do Alto do Dafundo (Linda-a-Velha, Oeiras): Corte A e datação para o Calcolítico inicial estremenho, *Arqueologia*, 21, Porto, p. 24-26.

GONÇALVES, J.L.M., 1993, “Ídolos de cornos” de Olelas e Serra das Éguas, *Al-madan*, s. 2, 2, Almada, p. 38-40.

LEISNER, V.; ZBYSZEWSKI, G.; FERREIRA, O. da V, 1969, Les monuments préhistoriques de Praia das Maçãs et de Casainhos, *Memória dos Serviços Geológicos de Portugal*, nº 16, Lisboa.

SERRÃO, E. da C.; VICENTE, E. P., 1958, O castro eneolítico de Olelas. Primeiras escavações, *Comunicações dos Serviços Geológicos de Portugal*, 39, Lisboa, p. 87-125.